2.º Anno | Lisboa, 15 de Fevereiro de 1886 | Numero 31

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha, Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

EGREJA DA MISERICORDIA, DA ILHA DE S. THOMÉ

CHRONICA

Morreu, afinal, José Carlos dos Santos, e — coisa estranha — a noticia da sua morte foi recebida pelo paiz inteiro com um ah! unisono de satisfação e de alivio.

Não se choraram pelo seu passamento, cujas agonias datam de muito longe, as lagrimas amarissimas que a triste nova d'uma desgraça inesperada e subitanea provoca. Talvez nem mesmo a esposa do grande artista, que lhe sacrificára a vida, a mocidade e o futuro, com a mais heroica das abnegações, orvalhasse de pranto o seu cadaver desconjunctado.

E' que o incomparavel actor, o famoso Luiz XVI, o extraordinario e colossal Antony, que nós viramos subir tão alto na scena, não morreu quando o coração deixou de lhe bater dentro do peito; não se apartou do mundo quando os seus pulmões aspiraram pela ultima vez a derradeira parcella de oxigenio vivificante.

José Carlos dos Santos, o Santos Pitorra, como lhe chamára um dia Gomes de Amorim e lhe chamou depois toda a gente, começou a morrer quando a amaurose negra lhe extinguiu o brilho vivissimo dos olhos, d'aquelles olhos pretos e rasgados, que lhe illuminavam com scintillações estranhas a figura distincta e insinuante, que reflectiam toda a pujança do seu bello e formidavel talento.

Desde então, a existencia do grande artista foi uma agonia lenta e dolorosa, um supplicio medonho e indiscriptivel, que outra nova doença cruelissima tornou ainda mais esmagador e cruciante. Depois da cegueira despiedosa, vieram as lesões profundas do systema osseo e nervoso; a emaciação esqueletica, que lhe dava a apparencia d'uma mumia horrenda; hoje as fracturas das claviculas, amanhã as dos femures, agora as do humerus, logo as das costellas, um esphacelamento rapido e completo, que o reduziu á immobilidade durante longos mezes, que lhe transformára o leito em sepulchro e o corpo n'uma pouca de materia inerte.

A' força de o chorarem, assistindo hora a hora a esta demolição produzida pelo cyclone da desventura, sua esposa, seus filhos, os seus amigos — que eram todos quantos o conheciam de perto — não tiveram mais lagrimas para verter, quando a ultima costella se lhe fracturou n'um arranco de dor suprema, e o misero artista foi arrancado da alcova mortuaria para ir esconder-se na paz eterna do tumulo.

A' compaixão dolorosa que aquella série enorme de torturas provocara, á inexprimivel angustia que em todos os corações se inspirava d'aquelle longo martyrio, tão penoso e tão desapiedado, seguio-se como que um jubilo doce e sereno, aquelle jubilo consolador, que nos enche a alma, quando da nossa frente se apaga por completo a visão negra d'um grande infortunio, aquella suave alegria, que se não expande em gargalhadas estrepitosas, mas que se define n'uma exclamação d'alivio, n'esta simples mas eloquentissima phrase, ouvida por nós a todos quantos de perto conheceram o martyrologio do desventurado artista: — «Até que emfim!»

Ha n'estas tres palavras, á primeira vista frias e indifferentes, egoistas e cynicas, um poema d'affectos sinceros, de saudades perduraveis e de muitas lagrimas já vertidas em silencio. Não significam, como alguem poderá suppor, indifferença pelo morto illustre; exprimem a dor profunda causada pelas penas afflictivas do martyr.

*

Vimos o cadaver hediondo e decomposto de Santos, quando os clinicos prescrutadores da sua mysteriosa doença acabavam de lhe serrar o craneo, e de lhe analysar os ossos rarefeitos e quebradiços, d'uma fragilidade de vidro. N'aquelles despojos sangrentos, sobre a epiderme encarquilhada que revestia aquelle esphacelado organismo, nem o mais leve traço da phisionomia original do grande actor no seu tempo de glorias e de triumphos; nem uma sombra sequer do Marino do *Ghigi*, do marquez de Villemer, do Maximo Odiot e do Mauricio Feder; nada que fizesse lembrar o glorioso mestre d'Antonio Pedro e de Virginia, o brilhante interprete de Aleria, de Tartufo e de Richelieu, o fino galan da *Gravata Branca*, o rude mas apaixonado marinheiro das *Pragas do Capitão*, o bello Santos Pitorra.

Tudo se perdera, tudo se apagara, tudo se extinguira muito antes da morte real, destruido minuto a minuto pelos horrores da morte lenta, da que principiara com a funda tristeza d'uma cegueira implacavel e fulminante.

Como entristece ver assim transformado em mumia horrenda um corpo que fôra tão garrido e bello, e como nos magoa a lembrança de que, com essa mumia, desapparece, para não ser talvez jámais substituido, o maior talento da scena portugueza!

D'este grande vulto nem sequer pode dizer-se, por desgraça, que restam ao menos os ossos, porque até os ossos a doença brutal e indecifravel lhe destruio. Triste!

*

Ao passo que a Arte dramatica se veste de negro, pela perda do seu filho dilecto, os nossos monarchas substituem por trages festivos os pezados crepes d'um luto recente, para solemnisarem as proximas nupcias do seu herdeiro presumptivo. No mesmo dia em que a morte epilogava as torturas esmagadoras do brilhantissimo artista, o governo annunciava officialmente nas Camaras estar ajustado o casamento do principe real D. Carlos, com a princeza D. Maria Amelia de Orléans Bourbon, filha mais velha dos condes de Paris.

Quiz o destino que a triste noticia da morte de Santos coincidisse com a boa nova do enlace dos dois principes; que, quando cahia do throno do palco um dos seus reis mais gloriosos, começasse a subir os degraus do throno da Ajuda uma futura rainha d'estes reinos, gentil como as auroras, bondosa como os anjos, alegre e sorridente como a Primavera, em cujo regaço ha de vir visitar-nos, segundo se affirma, palpitante d'amor, radiante de mocidade e de frescura.

E' caso para exclamarmos, paraphraseando o dito celebre: — *Le Roi est mort, vive la Reine!*

*

E aguardando as festas principescas que se preparam em honra dos gentilissimos noivos, pensando na enormissima ventura d'esses dois principes felizes, que casam por sympathia reciproca, ao invez do que geralmente succede entre personagens de real stirpe com traços biographicos inscriptos no *Almanach de Gotha*, nós nem sequer attentámos ainda nas ultimas medidas financeiras do governo, nos *meetings* que se organisam para as combater, na guerra santa, que ahi começa a prégar-se para as fulminar.

Diz-se que houve um aggravamento tributario no Falerno de Torres e Collares, que foram isentas d'imposto as perolas verdadeiras, que se mantêm o direito dos dentes artificiaes, das melancias e dos melões.

Os consumidores do divino licor que se queixem, os dentistas que rejubilem, os hortelões que applaudam.

Nós nem ao menos temos o prazer de ser dentista. Se o fossemos, que ventura!

Casimiro Dantas.

TRAGEDIA INFANTIL

V

O REMORSO

E o pequeno—embezerrado,
Mudo, ficou no jardim,
Inerte como um forçado,
Sombrio como Cain.

Negros phantasmas chimericos
Davam hostis gargalhadas ..
Via os lirios cadavericos,
E as rosas ensanguentadas!

Contemplavam-n'o os rochedos
Com sinistra indignação;
As folhas dos arvoredos
Gemiam baixo—: Ladrão!

—Olha, vê o que fizeste!»
Disse o luar cristalino.
Um mocho sobre um cypreste
Piava ao longe—: Assassino!

Com o olhar em furia acceso,
Ao verem crime tamanho,
Fitavam-n'o com desprezo
Os seus soldados de estanho.

E a seus pés, visão maldita!
Jazia a pobre insensivel,
Com os miolos de chita
Fóra do craneo... Era horrivel!

Ergueu a medo os destroços
Do sanguinolento drama.
Vinham juntas com os ossos
Tripas de algodão em rama!

Guardou dentro do chapeu
A hedionda carnificina;
E como caminha um réo
Que vae para a guilhotina,

Entrou em casa assombrado,
Livido, exangue, impotente.
Um gato sobre um telhado
Miava agoireiramente.

E no azul esplendoroso
Via-se a lua suspensa,
Como o disco monstruoso
D'uma palmatoria immensa!

VI

A DOENÇA DE BÉBÉ

Despem-n'a em cima na cama,
E não a encontram magoada!
O pae quer bater-lhe, e exclama:
--É uma rabuge... mais nada!

Chora, n'um doido estertor;
Que terá ella?... mysterio!
Chamam á pressa um doutor;
Entra um doutor grave e serio.

Toma-lhe o pulso, medita,
E com ar auctorisado:
«Pequena indigestãosita...
«Não é coisa de cuidado.»

E, receitando a tisana,
Foi-se embora a medicina.
A's vezes a dôr humana
E' herculea garra leonina,

Que se nos crava no peito.
Esmaga, rasga, esphacella...
E o corpo emfim cae desfeito,
Prostrado debaixo d'ella.

Assim a pobre creança,
Aniquilada e vencida,
No somno afinal descança,
Mais morta que adormecida.

(*Conclue*). GUERRA JUNQUEIRO.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

O EPILOGO

Vamos ver como foram recolhendo á patria as tristes reliquias d'essa brilhante legião. Sabemos que, depois da campanha da Russia, se formára com a cavallaria um esquadrão, commandado pelo capitão Garcez, que foi destroçado e em grande parte aprisionado pelos Cossacos nas margens do Elba em Allemanha. Os restos da infanteria da legião foram dirigidos para Grenoble, onde chegaram a juntar-se uns 100 Portuguezes, entre soldados e officiaes.

Apenas entraram em França os alliados, as tropas estrangeiras ao serviço da França foram desarmadas, e os Portuguezes foram mandados para Bourgos, onde tiveram o prazer de se encontrar com alguns compatriotas, que tinham feito campanhas bem diversas, e que se achavam em França, por terem caido prisioneiros das tropas imperiaes nas batalhas da guerra peninsular. Entre esses officiaes figurava Bernardo de Sá Nogueira, que foi depois marquez de Sá da Bandeira.

Quando se fez a paz foi um general francez a Bourges propôr aos Portuguezes ficarem ao serviço da França, promettendo-lhes por parte do governo de Luiz XVIII o conservarem os officiaes os seus postos e serem tratados os soldados como se fossem Francezes. Alguns officiaes acceitaram, acceitaram tambem algumas, muito poucas, praças de pret, mas a maior parte quiz regressar a Portugal, e, partindo logo de Bourges para a fronteira, encontraram o exercito portuguez ao pé de Bayona, e apresentaram-se aos regimentos de que faziam parte antes de terem saido para França. Perderam logo todos os postos que tinham ganho em França, e voltaram aos que tinham em 1808, mas a maior parte dos officiaes e dos soldados abandonaram o serviço por estarem impossibilitados.

Durante a estada d'estes ultimos legionarios em França vieram unir-se-lhes os poucos officiaes e soldados que tinham ficado em Dresde, á excepção de Theotonio Banha, que seguira, como sabemos, outro destino.

Depois começaram tambem a regressar alguns, que tinham ficado prisioneiros na Russia. Entre elles citaremos um official, que teve na Russia a mais romanesca de todas as aventuras.

Quando os Francezes se achavam estabelecidos em Moscou, o tenente portuguez Carlos Damasceno Rosado foi encarregado de ir á procura de viveres, á testa de uma pequena força. Chegando a uma opulenta casa de campo, encontrou-a occupada por uma força franceza, que se entregava aos maiores excessos. Já tinha roubado tudo quanto podéra apanhar, amarrára o dono da casa, e os soldados preparavam-se para commetter o maior de todos os ultrajes, violentando sua mulher e sua filha, que era uma formosissima rapariga, quando o tenente Rosado appareceu, lançou-lhes em rosto a infame brutalidade que estavam praticando, e, como elles não cedessem, poz-se á testa dos soldados que commandava, e á viva força expulsou os Francezes, soltando depois o pobre Russo, que estava doido de reconhecimento, e que o tenente Rosado ainda foi acompanhar até sitio em que estivessem em segurança.

Tempos depois, o nosso official cahiu prisioneiro dos Russos, durante a infausta retirada, e estava para partir para a Siberia como partiam os seus companheiros, quando um feliz acaso o fez encontrar o Russo a quem salvára. Não era ingrato o fidalgo moscovita, que occupava na côrte um logar importante; quiz apresentar o tenente Rosado ao imperador, a quem contou a acção generosa que elle praticára, e o modo como elle lhe valera em tão tristes circumstancias. Escusamos de dizer que foi logo solto. O imperador offereceu-lhe o garantir-lhe no exercito russo o posto que tinha, e na Russia se demorou o tenente Rosado, até que a noticia da revolução de 1820 lhe despertou fundas saudades da sua patria, e, desprezando todas as vantagens, partiu para Portugal.

Dois annos depois estava servindo na Bahia, onde praticou actos muito honrosos, mas não deixou de ser curioso que o governo portuguez mandasse logo servir nos climas tropicaes um official que voltava do clima aspero da Russia. Se não era castigo, parecia-o.

Carlos Damasceno Rosado morreu, sendo chefe de repartição no ministerio da guerra. Tem um filho, se nos não enganamos, que é official de artilharia, e é ainda sua parenta a eminente e graciosa actriz Rosa Damasceno.

Da Russia tambem voltou o general Pego, que estava prisioneiro na Siberia, Candido José Xavier, que não ousou regressar a Portugal, onde estava condemnado á morte por ter acompanhado Massena na sua invasão de 1810, voltando só depois da revolução de 1820, Antonio José de Figueiredo, que morreu sendo escrivão de direito em Evora, e que era official inferior quando foi prisioneiro na campanha da Russia, e muitos outros.

Os officiaes e soldados, que estiveram na Siberia, e que, depois de innumeros trabalhos, em Tobolsk e em outros pontos, poderam regressar a Portugal, foram 380, contando-se entre elles,

como dissemos, o brigadeiro Francisco Antonio Pego, e varios outros officiaes de infanteria. Só em 1815 é que se lhes permittio embarcar para Inglaterra, d'onde seguiram depois para Portugal.

Juntemos em rapida lista os nomes dos officiaes, que regressaram á patria, depois de terminarem as campanhas do imperio, sem fallarmos, porque já os citámos, dos que tinham estado prisioneiros na Russia.

Temos em primeiro logar o tenente Banha, auctor do opusculo que nos servio de guia principal n'este trabalho, e que morreu, como dissemos, em 1853, guarda-mór de saude em Setubal;

Fernando Rufino, cirurgião-mór do regimento de cavallaria. Segundo assevera o tenente Banha, ainda vivia em Lisboa em 1848;

F. Ribeiro, tenente de cavallaria; era em 1827 ajudante de um regimento de milicias da côrte;

João Pinto Moraes de Sarmento, alferes de cavallaria, commandava em 1833 uma bateria nas linhas de Lisboa. Theotonio Banha, que tambem servia no exercito constitucional, encontrou-se com elle debaixo de fogo, e ficou muito surprehendido porque julgáva que elle ficára sepultado nos gelos da Russia.

Facilmente se imagina a alegria com que os dois se abraçaram.

Tenente Neves Franco, voltando a Portugal, teve dois filhos que occuparam postos elevados no exercito;

Sargento de cavallaria, Joaquim Henriques Moreira, que morreu no Cartaxo, sendo major reformado;

Sargento de infanteria, José Ribeiro de Almeida, que morreu em Runa, sendo coronel, e commandante do hospital dos invalidos;

General Pamplona, voltou depois da revolução de 1820, teve o titulo de conde de Subserra, e foi ministro de Estado, desempenhando um papel importante na nossa historia politica;

Coronel marquez de Loulé, foi, depois de voltar a Portugal, assassinado no paço de Salvaterra em abril de 1824, em circumstancias bastante tragicas;

Major Manoel de Castro Pereira de Mesquita, author de um opusculo ácerca da historia da Legião Portugueza. Entrou na vida politica e foi ministro de Estado;

Capitão José Garcez Pinto de Madureira, que fôra feito prisioneiro em 1813, veio a ser deputado e governador civil em varios districtos, etc;

Capitão Balthazar Pimentel, foi um dos officiaes condecorados com a Legião de Honra pelo valor que mostrou na batalha de Moskowa. Serviu depois na campanha da liberdade, junto da pessoa de D. Pedro IV, na qualidade de quartel-mestre general, e morreu muito velho, com o titulo de conde de Campanhã, e desempenhando o logar de ajudante de campo d'El-Rei D. Fernando.

Tanto José Garcez Pinto de Madureira como o conde de Campanhã consta que escreveram memorias ácerca dos importantissimos acontecimentos de que tinham sido testemunhas, e em que haviam sido actores, mas nem a familia de um, nem a familia do outro se resolveu a publicar coisa alguma.

Alferes de granadeiros, José Antonio Tavares, continuou o seu serviço em Portugal, foi mesmo ajudante do governador geral de Cabo-Verde, e morreu com o posto de brigadeiro, exercendo o logar de director no ministerio da guerra. Nos ultimos annos da sua vida, e ainda em lembrança das suas campanhas napoleonicas, foi agraciado pelo governo do segundo imperio com a commenda da Legião de Honra;

Antonio Germano da Silva, que morreu sendo major reformado.

Conhecemos ainda um velho official, que era mestre de esgrima na Escola do Exercito, que se chamava Tavares, e que tambem servira na Legião Portugueza.

Agora, provavelmente, já nenhum existe d'esses bravos, apezar de não exceder os limites da longevidade humana, a idade a que qualquer d'elles poderia ter chegado com vida n'este anno de 1886. José Ribeiro de Almeida, por exemplo, que saio de Portugal em 1807 com a Legião, sendo já cabo de esquadra, hoje, se vivesse, não teria mais de 94 annos.

De todos, o primeiro que morreu foi um, que não citámos ainda, Gomes Freire de Andrade, e todos sabem em que lamentaveis circumstancias; o ultimo, entre os que adquiriram uma certa celebridade, foi o conde de Campanhã, que morreu a 30 de maio de 1876.

No tumulo de todos elles, se todos já estão no tumulo, deponho esta homenagem ao seu valor, aos seus sacrificios, ao seu menosprezado patriotismo, á heroica resignação com que honraram, á sombra de uma bandeira estranha, o nome do seu paiz e o brio nacional.

PINHEIRO CHAGAS.

O CONSELHEIRO

O conselheiro Soares, homem de uma gravidade phenomenal, avançava solemne e impavido, pela calçada do Caldas, nos aureos tempos em que ella ainda não estava ameaçada como todas as suas irmãs de Lisboa, com o inevitavel elevador do Mesnier.

N'um dia de chuva em que o conselheiro resolvera uma importante questão no Tribunal de Contas, e sentia em impetos de alegria, vontade de tirar estrondosamente da caixa de rapé, uma pitada em plena rua, o diabo deparou-lhe duas buliçosas e risonhas raparigas, uma de dezoito, e outra de vinte annos, que desciam de saias soerguidas, a rampa gradeada que vae ter ao largo de S. Christovão.

O digno conselheiro, sem ser o que se chama «na Avenida», um homem *terrivel*, deitou o canto do olho ás bem torneadas pernas que se lhe avisinhavam do nariz, atravez da grade, no momento em que elle passava em baixo na rua da Magdalena.

Ha momentos na vida, que decidem da existencia de um homem. Colloquem um assassino de profissão em frente de um homem carregado de libras esterlinas, e matal-o-ha. E assim, pela mesma emoção affectiva, colloquem um conselheiro diante das pernas tentadoras de uma costureirita galante, e verão como elle erra logo o calculo da probabilidade de tornar amados os seus sessenta annos de rheumatismo, por uns vinte annos frescos e sadios como uma manhã de primavera.

O nosso conselheiro, uma vez pousados os seus olhos nas botinas elegantes das jovens desconhecidas, marinhou o seu olhar de velha rapoza jubilada nas sensações e nos prazeres, pelas raparigas acima, até expirar-lhe nos cabellos que eram um encanto, caidos sobre a testa com uma desenvoltura plebeia, provocadora e irritante.

O espanto do bom homem, foi enorme, quando as duas raparigas attentando no seu aspecto funerario, lhe soltaram atrevidamente uma gargalhada homerica nas bochechas olympicas de executor de alta contabilidade.

Nunca pelos finos labios patricios de s. ex.ª, passara sequer a sombra de um sorriso. D'esde tempos immemoriaes, podiam os continuos do tribunal attestar que, jamais, n'aquella mascara de Jupiter, correra o relampago de uma ironia fundida em gargalhadas de lei. Jamais!

E' porém, immenso, sobrenatural, o poder da juventude e da belleza. O conselheiro de ferro, que jamais sorrira no ambito augusto do Tribunal de Contas, não pôde resistir á contaminação do riso das divinas creaturas, tão juvenis e tão alegres, semelhantes a duas rosas, cujo aroma lhe prendesse os sentidos e inebriasse a vista.

Pela primeira vez, o seu grande ar magistral se desviou do seu aprumo, e foi com quasi um sorriso, que o conselheiro, no meio das suas correctas suissas britannicas, contemplou as duas costureiritas.

Uma era «a expressão de quanto ha bello» no genero moreno; a outra, uma loura *pur sang*.

A loura tinha a pelle transparente e eburnea, a que davam realce uns lindos olhos azues, de um avelludado celeste, meigo e seductor.

A morena, de narinas arfantes como um fino corcel de batalha, olhar agudo e cruel, cabello d'azeviche, em ondas espumantes, busto correcto e forte, firmeza e elegancia no porte. Era a mais velha.

Ao sentir sobre si o olhar dominador d'esta rainha da thesoura, o conselheiro tremeu como um vime. Aquelle olhar frio e inquisitorial fora-lhe direito ao coração, como a fina lamina de um toureiro. Involuntariamente, levou a mão ao chapeo e saudou. Um gracioso sorriso, e um meneio de cabeça gentil, enlouquecedor, da morena, acabou de prender inteiramente o desgraçado. Seguiu-as. Era um homem morto... para o Tribunal de Contas.

As duas pequenas entraram n'um estabelecimento de alfaiate da Baixa, e o conselheiro, perdida a tramontana, emboscou-se n'uma escada proxima, como um nihilista com seis bombas na algibeira, á espera do Imperador. Viu-as sair, e,—oh! infamia!—enfiou pela loja do alfaiate, attonito, a interrogal-o ácerca do ninho d'aquellas avesinhas.

O alfaiate, como é da praxe, *abotoou-se* no mais digno e significativo silencio, mas uma libra de cavallinho, brilhante e com o respectivo peso, fel-o desenferrujar immediatamente a lingua, com uma tal riqueza de informações praticas, que faria a inveja de um deputado opposicionista em dia de interpellação.

N'esse mesmo dia, á noite, a Margarida costureira, tal era o nome da morena em questão, recebia propostas vantajosas, do conselheiro, que ella repellia com uma heroicidade digna de Joanna d'Arc.

O conselheiro estava maravilhado. Tanta virtude n'uma costureira! Mas que queria ella?

—Ella?... Quer casar, meu caro senhor; respondia-lhe o medianeiro por elle encarregado de tão melindrosas negociações.

O conselheiro, bem equilibrado nas suas faculdades intellectuaes, entrevio como que o horror de um abysmo. Casar era serio, com todos os diabos!

Mas o homem põe, e o amor dispõe. De que servem raciocinios quando aos sessenta annos se é ainda bastante fresco para amar. Ah! o ultimo amor animal dos velhos é um espectaculo horrivel, que nunca será demais pôr, diante dos olhos dos novos.

MEDICOS ILLUSTRES

DR. ALVES BRANCO

DR. ANTONIO MARIA DE OLIVEIRA SOARES

E' uma tremenda expiação de culpas passadas, quantas vezes!...

E o conselheiro tinha contas a ajustar com Deus.

Quem com ferro mata, com ferro morre. O conselheiro fizera ácerca de vinte annos atraz, na plenitude da força e no imperio do sangue dos seus quarenta annos de audacia e de experiencia, uma victima. Ferira cobardemente uma donzella pobre no que ella tinha de mais precioso na sua miseravel existencia. Abusara da força bruta, do poder e do prestigio da sua posição social.

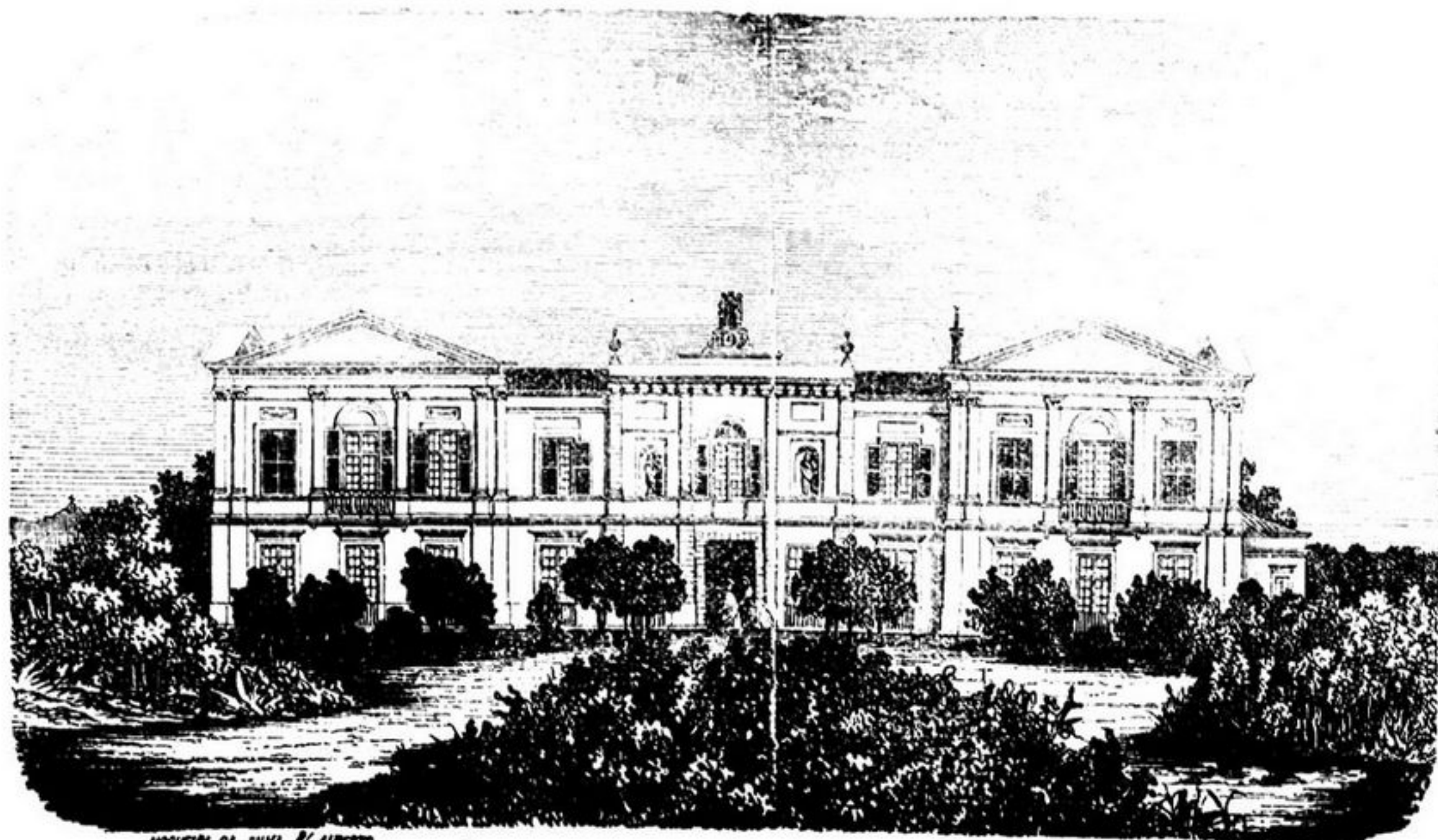
Que fôra feito d'essa infeliz? Nem elle o sabia, o correcto e grave magistrado. A Providencia, porém, não dorme.

*

Longo d'amor serodio, homem forte ainda e maravilhosamente constituido, o conselheiro estava prompto a fazer todos os sacrificios por aquella sua ultima rapaziada, como elle dizia.

Margarida, porém, era inflexivel. Parecia obedecer a um plano de vingança, ter empenho em tortural-o.

O conselheiro desesperado, sentindo crescer todos os dias o desejo insensato, superior ás suas forças, de possuir aquella rapariga adoravel e fascinadora como um gentil demonio de operetta, empregou todos os recursos do seu reportorio, fez todas as promessas; nada conseguiu.

Pediu licença para o estrangeiro, mas no dia da saida, indo esperar a costureirita perto da loja do alfaiate, como costumava, com a idéa de a ver ainda uma vez, um olhar d'ella, desarmou-o da sua resolução. E não embarcou. A luz chammejante do olhar d'aquella mulher, attrahia-o de uma maneira infernal; mistura de amor e respeito, de terror e desejo. Adivinhava punhaes occultos n'aquelle olhar de sereia, e não obstante queria trucidar-se n'elle. Seria com um voluptuoso prazer que lhe offereceria o seu peito de Hercules para lh'o rasgar fibra a fibra, com tanto que se lhe entregasse. Bebesse-lhe o sangue mas atirasse-lh'o á face n'uma

PALACIO DO SR. JOSÉ JACOME CORREIA EM PONTA DELGADA

golfada em que retumbassem estas palavras: amo-te e... mato-te!

*

Diante da implacavel tenacidade d'aquella rapariga extraordinaria, o conselheiro resolveu-se a fazer a maior tolice da sua vida, como dizia aos seus collegas, sorrindo á flôr dos labios, mas crispando os dedos com a raiva impotente dos vencidos.

Deu-se então um acontecimento imprevisto na vida de s. ex.ª. Um bello dia, procurou-o uma mulher, alquebrada pelo soffrimento, que não pela velhice. Era ainda formosa, apesar de lhe coroarem a fronte, cabellos alvejantes.

Sob a egide de uma carta de apresentação que dizia tratar-se d'assumpto importante, conseguiu penetrar junto do magestoso conselheiro. Este não a reconheceu. E não obstante, aquella creatura, pobre e humilde no seu chale de merino preto e no seu vestido d'alpaca da mesma côr, era nada menos que a formosa mulher que s. ex.ª ha vinte annos atraz enganara, abandonando-a tão despiedosamente.

Havia febre no olhar da infeliz, e como que um designio secreto.

Quando o conselheiro soube quem era, não ficou pouco admirado de, no fim de vinte annos, ver surgir aquelle espectro do seu crime. Como homem, porém, bem equilibrado no seu meio social, não se desconcertou, e julgando que se trataria d'alguma esmola, tirou a bolsa e estendeu-lh'a.

A pobre desviou-a docemente com a mão.

—Não é para isso que aqui vim, respondeu ella com voz firme e sonora.

—Hein! rugiu o conselheiro, franzindo as sobrancelhas.

—Sei que vae casar com uma menina que ama perdidamente e que não se prestou a ser sua amante, para engrossar o numero das suas victimas. Não póde casar, porque tem uma filha natural, que vae desherdar por esse facto. Reconheça-a primeiro. Em nada póde isso prejudicar o futuro de sua esposa. Asseguro-lhe, porque fui eu que a criei. Ella é tambem filha de pae incognito como a minha... como a sua filha. As duas meninas que o senhor tem visto juntas, uma é minha filha adoptiva, a outra minha filha, e... sua.

O conselheiro sentiu um frio glacial percorrer-lhe toda a espinha dorsal, e perguntou com voz abafada:

—Qual d'ellas é a sua filha adoptiva?

—Margarida.

A physionomia cruel do conselheiro illuminou-se, mas acrescentou:

—A morena?

—Sim, respondeu com um tom singular a mulher vestida de preto.

O conselheiro reflectiu e depois, disse serenamente, com esse tom glacial e implacavel dos tratantes altamente collocados, que se julgam ao abrigo das leis.

—O seu pedido é insensato. Não posso reconhecer minha filha. A minha fortuna não é muito grande e iria por esse facto prejudicar o futuro da mulher que amo acima de tudo, e que vou desposar. Se souber ser discreta e guardar esse segredo, não nego um dote a *essa menina*, quando se lhe depare um casamento com um operario... Qualquer indiscripção, porém, da sua parte, fica entendido, desliga-me immediatamente d'este compromisso.

—Então, recusa-se a reconhecer sua filha?

—Recuso.

—E sacrifica a pobre menina, que nenhuma culpa tem dos seus amores, a sua esposa—uma amiga e companheira, que amanhã a desprezará quando passar junto d'ella na sua carruagem?

—Sacrifico, respondeu o conselheiro friamente. Por Margarida commetteria até um crime.

Ha palavras que fecham a conversação como uma porta de ferro. As do conselheiro eram d'essas. A mulher toda vestida de preto, comprehendeu-o assim, porque curvou simplesmente a cabeça e saiu.

Se o conselheiro tivesse podido surprehender o seu espantoso sorriso ao transpor a porta do gabinete, teria dormido mal aquella noite, não obstante todo o seu sangue frio.

*

Aplanadas todas as difficuldades burocraticas por um procurador, o casamento do conselheiro realisava-se no fim de trinta dias na egreja de S. Domingos, saindo a noiva da casa materna, sómente acompanhada de uma madrinha escolhida pelo proprio conselheiro, que assim pretendia isolar sua esposa da filha natural e da antiga amante.

Na fronte serena e magestosa da noiva, não havia prazer nem tristeza. Aquella mulher de marmore parecia assistir á representação de uma comedia e não ao acto mais serio da sua vida. Os convidados, todos collegas do conselheiro, cochichavam. O venturoso noivo não via dois palmos adiante do nariz, como succede á maioria dos noivos.

A' noite, depois de um lauto banquete e de se desembaraçar de todos os seus amigos, o conselheiro dirigiu-se ancioso para a camara nupcial. Ao transpol-a com o sorriso nos labios, brancos pela commoção, recuou repentinamente até á porta, como se vira erguer-se diante d'elle a cabeça de Medusa.

Ao fundo do vasto quarto de dormir, esplendidamente illuminado pelas serpentinas de prata cinzelada do fogão, estavam sentadas n'um delicioso *tête-à-tête* com a noiva, as duas mulheres que elle com tanto empenho afastara—a sua antiga amante e a sua filha natural!

O conselheiro, assombrado, não pôde articular uma pergunta, nem fazer um gesto.

Antes, porém, que tornasse a si, da sua estupefacção, a sua antiga amante levantou-se pallida mas firme e disse-lhe com uma voz indizivel:

—Senhor, a sua humilhante recusa em reconhecer sua filha, partilhando assim com ella a sua fortuna e o seu amor de pae, levaram-me a tomar a sua insensata paixão por ella, não como um acaso, mas como um castigo do ceu. A menina que o senhor desposou hoje, não póde ser sua mulher, porque é... sua filha.

Um raio que cahisse aos pés do conselheiro, não o deixaria tão completamente fulminado, como esta extraordinaria revelação. No entanto, como todos os desgraçados, agarrou-se á ultima taboa de salvação.

—E' uma infamia, ou uma mentira o que diz, senhora. As provas?

—Ainda as quer mais claras do que o exame attento d'estas duas meninas? Pois não vê que Eugenia, esta creança loura e franzina, não póde ser sua filha, emquanto que Margarida é o seu retrato completo, tanto no physico como no caracter? Não a vê aqui, sorrindo muito tranquillamente? Não admira o sangue frio com que ella acceitou a responsabilidade do seu papel n'este drama de familia?

O conselheiro deixou-se cair sobre uma poltrona.

A sua antiga amante, como um algoz, continuou imperturbavel:

—Quer as provas? Vae tel-as. Eis os papeis da Santa Casa da Misericordia, que indicam perfeitamente que Eugenia não é minha filha, pois é engeitada; ao passo que esta certidão de baptismo diz bem claro que Margarida é minha filha natural e filha de pae incognito. Percebe agora? Mas ainda ha mais: o senhor não póde duvidar do testemunho da sua antiga governante, hoje entrevada em casa dos seus parentes, mas com toda a lucidez de espirito, e que assistiu ao nascimento de sua filha, e sabe que ella não foi por mim exposta, porque tem entretido até hoje relações commigo. Essa mulher é da sua inteira confiança, porque está sendo sustentada pelo senhor, ao passo que eu nada lhe podia offerecer para a corromper.

E dizendo isto, a terrivel amante correu o reposteiro da ante-camara, e introduziu no quarto uma velhita, pelo braço d'outras mulheres.

Fazendo, porém, um esforço supremo, sobre si mesmo, o infeliz conseguiu dirigir as perguntas necessarias á sua antiga governante, para ella lhe dar o golpe de misericordia, confirmando a identidade de Margarida como sua filha, accrescentando ingenuamente que, ha annos, a pedido da amante d'elle, e pelo muito amor que tinha á menina Margarida, fizera uma declaração por escripto com testemunhas, em casa de um tabellião, para que se morresse, ficasse a ella, ao menos, aquelle documento em que affirmava circumstanciadamente todas as peripecias que se tinham dado com o seu nascimento em casa do conselheiro.

Pallido como um cadaver, o conselheiro não quiz ouvir mais, e pondo as mãos na cabeça como se temesse um ataque subito de loucura, abriu violentamente a porta do quarto e fugiu.

As mulheres entreolharam-se receiosas; mas a antiga amante serenou-as logo:

—Conheço-o. Preferirá a morte a um escandalo.

Effectivamente, apenas tinham decorrido cinco minutos, ouviu-se um forte borburinho na rua, apitos repetidos e fortes argoladas á porta do palacio.

Margarida, instinctivamente correu para a porta, sentindo despertar-se-lhe subitamente no peito, a sua compaixão de mulher. A sua longa *traine* de faille branco, ornada de grinaldas de larangeira, rasgava-se de encontro aos moveis, mas ella corria sempre vertiginosamente ao longo das galerias seguida de longe por todas as outras mulheres. Era agora, a anciedade, o interesse e o presentimento de uma grande desgraça, o que dominava todas aquellas creaturas.

Chegaram assim ao portão da rua. Estava fechado. Nem sombra de um criado. Todos estavam a embebedar-se na cozinha com os restos do banquete do noivado. Ouvia-se distinctamente o choque dos copos e dos talheres, e as saudes avinhadas á *felicidade* do patrão e da patroa.

Margarida, porém, não era mulher que se embaraçasse por tão pouco. Lançou as suas mãos nervosas, d'aço, aos ferrolhos do portão e correu-os, deu volta ás chaves e abriu, precipitando-se para a rua.

Instinctivamente a massa de populares que estacionavam de bocca aberta pela inercia da admiração, apartou-se, deixando um largo carreiro por onde Margarida penetrou com a sua soberba *toilette* de noiva.

A multidão fechou immediatamente em roda de Margarida, um circulo compacto, devorada de curiosidade.

UM CONCERTO AO AR LIVRE

Então a estranha noiva, alcançando a correr o centro da rua, tropeçou de repente n'um cadaver todo ensanguentado. Era o conselheiro, que se precipitara do ultimo andar do palacio, despedaçando o craneo na calçada.

Fevereiro de 1886. José Maria da Costa.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 28)

III

A doença do conde

Os medicos correram a erguer do chão o corpo de Elisa, que cahira sem sentidos ao ouvir dizer que seu pae estava morto.

A condessinha não tinha quarto em casa de seu pae.

Os medicos, auxiliados pelo irmão d'Elisa, levaram-n'o para cima do leito da governante, cujos aposentos eram contiguos aos aposentos do conde. As criadas e a mestra de piano, a quem o olhar irado de Roberto fizera entrar no bom caminho, desapertaram os fatos de Elisa e os medicos applicaram-lhe uns reagentes ligeiros, que a fizeram logo voltar a si. Fora apenas uma pequena syncope sem gravidade alguma; mas os seus nervos estavam muito irritados, e os medicos, combatendo energicamente os seus desejos de voltar para junto do seu pae, fizeram-n'a deitar, e deram-lhe uns calmantes violentos para que ella socegasse.

E effectivamente d'ali a nada, a pobre creança, que n'esse dia fôra tão duramente experimentada por diversas commoções violentas, dormia a somno solto.

Entretanto a governante não se tirára um momento d'ao pé do conde, que continuava sempre inerte, inanimado.

A sua preoccupação era tão grande, tão grande o seu terror ante a enorme catastrophe que parecia eminente, e que importaria uma revolução completa na sua vida, que mal dera pelo grito e pelo desmaio d'Elisa. Não via senão o conde, o conde que estava ali como morto, que não respondia á sua voz, que não accordava ao seu chamamento, e cuja pallidez baça, cadaverica, augmentava de minuto a minuto como se o sangue tivesse fugido d'aquellas veias, se a vida tivesse desapparecido d'aquelle corpo.

A immobilidade do conde era perfeitamente sinistra, sepulchral.

Debruçada sobre elle, a governante collou a sua orelha rosada e formosa sobre o coração do conde.

Esteve assim um momento, com a respiração parada para ouvir melhor.

E só ouvia as pulsações do seu proprio coração, que batia apressadamente.

N'um impeto desvairado, desabotoou o collete que o conde vestia, arrancou-lhe a camisa e collocou o seu ouvido sobre o peito nú, a pelle fria, cheia de grandes cabellos negros

E nada; nada se ouvia, lá dentro d'aquelle corpo estava tudo parado, como a machina d'um relogio quando se lhe acaba a corda.

Então atterrada, olhou em torno de si.

Não estava ninguem no quarto: tinham ido todos soccorrer a filha do conde.

—Acudam, venham cá, gritou ella com voz estridente.

Os medicos que estavam assistindo aos effeitos do calmante que Elisa tomára, vieram logo seguidos de Roberto.

—O que é? Ha alguma novidade? perguntaram elles correndo para o leito.

—Ha... que elle está morto. O coração já não pulsa, vejam, gritou ella com a voz dilacerada, e o rosto extremamente pallido.

Um dos medicos poz-se a escutar o coração do conde, emquanto o outro lhe tomava o pulso.

—Não, não está morto ainda, disse um dos medicos, mas se esta syncope se prolongar, é de temer que não volte mais a si.

N'isto entrava o criado com a pilha electrica, que o medico mandara buscar.

—Ah! ainda bem, vamos tentar o choque.

E os dois medicos, tomando da mão do creado o apparelho Negretti, prepararam-n'o logo para elle funccionar.

O choque electrico produziu resultado. O conde estremeceu, abriu os olhos e as faces colororiam-se-lhe.

—Temos homem, disseram animados os medicos.

O conde de Sendim olhava admirado para a casa e para a cara de todos que o rodeavam, como que querendo adquerir consciencia da sua situação.

Os seus olhos encontraram os olhos da governante, que fazendo esforços enormes, conseguira dominar a sua commoção violentissima.

Nos labios do conde pairou um sorriso e estendendo a mão á governante, perguntou-lhe com voz balbuciante:

—Mas o que foi isto?

—Não foi nada, respondeu a governante, esteve a dormir.

—A dormir? repetiu o conde, é singular...

E olhando muito para os medicos:

—Nada, e estes senhores aqui...

E fazendo-se derepente muito pallido, perguntou aterrado:

—O que é? Eu estou mal... E esta machina...

Continuou elle vendo o apparelho electrico.

—Deram-me um choque...

—Não, socegue, disse-lhe um dos medicos, teve uma syncope nervosa...

—Mas a machina, repetiu elle com terror.

—A machina não quer dizer nada. Então o sr. não sabe que hoje a electricidade applica-se a tudo, até ao caminho de ferro...

—E o senhor é mais facil de mover que um comboyo, continuou o outro medico, rindo, para dar confiança ao doente.

—Uma syncope? repetiu o conde, mas então...

—Mas então, respondeu o primeiro, nós em vez de lhe estarmos a dar escalda-pés, a fazel-o respirar ether, ou qualquer d'essas velharias da antiga therapeutica, demos-lhe um choque... E' mais prompto, menos doloroso e mais aceiado.

E emquanto um dos medicos dizia isto, o outro tratava de esconder á pressa as velharias da therapeutica, que debalde tinham empregado.

—Hum! murmurou o conde pouco convencido, mas no fim de contas o que é que eu tenho... é...

—O que é lá isso? quer saber mais do que nós? quer-nos fazer concorrencia?

—O que o senhor tem é necessidade de descançar, disse o outro medico; durma bem, socegue e ámanhã fallaremos...

—Durma? Mas então já é noite? perguntou o conde reparando só então que estavam já luzes accesas.

—Ha que tempos! disse a governante, para dizer alguma cousa, e sem reparar na inconveniencia das suas palavras.

—Mas, visto isso, estive desmaiado quasi todo o dia, perguntou o condo assustado, começando a ter reminiscencia.

—Não, qual todo o dia! responderam desabusados os medicos. Onde viu o sr. uma pessoa estar desmaiada todo o dia; estavamos arranjados se assim fosse.

—Sim, era muito cedo ainda, eram tres horas, se tanto, quando eu lhe pedi, disse elle dirigindo-se á governante, que fosse ao convento buscar minha filha...

—Isso sim, atalhou Roberto, que até ali se conservára afastado. Era muito mais tarde, e tanto que a Elisa não poude vir hoje, por lhe chegar já á noite fechada o seu recado...

O conde olhou com os olhos muito abertos para Roberto.

—Ah! estavas ahi? Pois eu pensava que era muito cedo...

—Vamos, disse-lhe a governante, socegue, deixe-se hoje de mais conversas, a syncope deve tel-o enfraquecido, e durma para recuperar as forças.

—Exactamente, faça o que esta senhora lhe diz, conde; durma, e durma bem...

E cantarolando com a musica da *Grande Duqueza*, com uma alegria postiça, o medico repetiu:

—Durma bem, sr. conde, durma bem.

—Eu não canto, disse o outro medico, hoje não estou em voz. Durma, e até amanhã.

O conde, mais animado com a alegria dos medicos, apertou-lhes a mão sorrindo:

—E muito obrigado por tudo.

—Pois sim, agradeça, mas durma, que nós vamos fazer outro tanto.

E os medicos sahiram do quarto.

(*Continúa*) Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DA MISERICORDIA, DA ILHA DE S. THOMÉ

Damos hoje a vista da egreja da Misericordia de S. Thomé, capital da ilha do mesmo nome. A vista é formada pelo largo de D. Luiz I, ficando á direita do espectador o palacio do governo, e á esquerda a ponte sobre o rio Agua Grande. A rua que se prolonga á direita para desapparecer entre as edificações, é a que conduz á fortaleza de S. Sebastião. A primeira casa, do lado direito d'esta mesma rua, é o edificio do correio. Segue-se-lhe a Direcção das Obras Publicas.

A Egreja da Misericordia nada tem de notavel, quer interiormente, quer exteriormente.

MEDICOS ILLUSTRES

OS DRS. ALVES BRANCO E ANTONIO MARIA DE OLIVEIRA SOARES

Ambos elles foram já arrebatados pelas garras da morte impiedosa.

O primeiro, José Maria Alves Branco, medico da Escola de Lisboa, tinha o amor da sua arte. Como operador que foi dos mais notaveis, era um verdadeiro artista. Filho da *escola* de Lourenço da Luz, fazia luxo em operar nas circumstancias mais difficeis, com uma grande delicadeza, com um aceio primoroso, com uma firmeza rapida, arregaçando apenas ligeiramente os punhos da camisa, sem que um pingo de sangue lhe enodoasse o collete branco, de que muitas vezes usava n'essas occasiões. Estudando sempre, conservava-se a par com os progressos da sciencia, ensaiava-os, introduzia-os na sua clinica, discutia-os com os collegas. As suas operações felicissimas de ovariotomia emparelham-n'o com os mais afamados especialistas da Europa e da America. A sua estatistica d'estas operações era talvez a mais notavel em casos de completo exito.

Chamavam-lhe o medico das mulheres e das creanças, e realmente nenhum havia em Lisboa que tivesse mais seguro prognostico e mais larga experiencia na pathologia, tão especial e ingrata do sexo feminino. Uma nota um pouco realista: Um dia um collega d'elle veiu de proposito a Lisboa para que elle lhe tratasse da mulher, gravemente affectada d'uma enfermidade uterina, ácerca da qual variavam extraordinariamente os diagnosticos. A opinião geral inclinava-se para a existencia d'um tumor de nome muito grego. Alves Branco examinou, e disse ao marido:

— Sua mulher o que tem é uma flexão de utero. E explicou. Mas quiz que se fizesse conferencia.

Os collegas,—do primeiro, incontestavelmente,— foram da opinião contraria, e terminada a consulta, o afflicto marido voltou-se para Alves Branco e disse-lhe:

«—Eu vim a Lisboa para o consultar ao senhor, porque acredito na sua sciencia, no seu *olho* medico, na sua habilidade. Todos estes cavalheiros que acabam de sair d'aqui são muito intelligentes, muito distinctos, muitos sabedores...

«Mas o que eu quero é que o senhor me diga o que devo fazer a minha mulher.

«—Uma cousa muito simples:— responde-lhe Alves Branco: faça-lhe um filho.»

E não era uma *blague* de máo gosto; era, como foi, a salvação da pobre senhora.

Aos 60 annos Alves Branco era verdadeiramente um rapaz, no genio jovial e expansivo, no convivio despreoccupado e facil. Um *cavaqueador* de primeira agua. A gente passava horas esquecidas a ouvil-o, como elle proprio as passava, palestrando, sem se lembrar do que tinha a fazer.

Hão de lembrar-se muitos da campanha que elle levantou na imprensa e na sociedade das sciencias medicas contra a administração hospitalar. Por causa d'isto vibrou-lhe um dia o ministerio do reino uma portaria de censura, porque Alves Branco era medico do hospital de S. José.

Assignava-a Antonio Rodrigues Sampaio. Assignava-a sem a ler, na sua boa fé tantas vezes abusada, como elle proprio confessava, rindo, dias depois, ao proprio censurado.

«—Demais a mais uma portaria sem grammatica!—dizia Sampaio.

Alves Branco fundou, com Silva Amado, o notavel consultorio da rua dos Fanqueiros, e era um dos redactores do *Correio Medico*.

Era tambem director do hospital Estephania e professor de anatomia artistica na Academia de Bellas Artes.

Fôra eleito muitas vezes vereador da Camara municipal de Lisboa.

*
* *

O outro clinico illustre, já fallecido, de quem hoje tambem damos o retrato, Antonio Maria de Oliveira Soares, foi, durante muitos annos, o medico assistente de Fontes Pereira de Mello.

Um traço que define bem o caracter honradissimo do finado medico é que ninguem o via nas reuniões politicas do presidente do conselho de ministros, é que ninguem o ouvia fazer alarde das intimas relações com homem de tão elevada posição social, é que ninguem poude nunca apontar um só facto em que Oliveira Soares, não dizemos abusasse, mas sequer usasse dos direitos d'essa amisade, que se escondia mysteriosa, como uma religião intima, para provar-se apenas em extrema abnegação nas horas do soffrimento.

Então, e só então, é que Oliveira Soares era deveras assiduo em casa do seu illustre cliente.

Entre os medicos notaveis do nosso paiz, tinha o dr. Oliveira Soares um logar de honra, que ninguem lhe negou nunca. Se poude ser egualado por muitos dos seus confrades, difficilmente seria por qualquer d'elles excedido no tacto medico, na solicitude e zelo, na proficiencia e na nobreza do exercicio da sua profissão.

Só uma vez exerceu funcções publicas, só uma vez praticou uma infidelidade aos seus amores de medico clinico, occupando o logar de presidente da Junta geral do districto de Lisboa, em que prestou serviços superiores a todo o elogio.

De resto trabalhou muito, trabalhou sempre, immolou se pelo trabalho, sempre alegre, jovial no tracto, affectuoso para com clientes e collegas, alheio a ruins invejas, desempenhando a sua alta missão com a auctoridade de quem exerce um sacerdocio e não de quem se dedica a uma industria.

PALACIO DO SR. JOSÉ JACOME CORREIA, EM PONTA DELGADA

O palacio do sr. José Jacome Correia, na cidade de Ponta Delgada, da ilha de S. Miguel, é um bello edificio. Realça-o a posição, dominando a cidade, os campos e o oceano. Destaca-se entre os massiços de um vasto jardim, entre as arvores mais exoticas, mirando se um pouco de longe em um pequeno lago, onde se pavoneam esquisitos patos.

O palacio é elegante, espaçoso, no estylo das modernas construcções da Europa, com estatuas em nichos nos pannos das paredes ou nos angulos dos contornos. No centro, tem como remate um grupo.

Tem um rico peristilo de mosaico marmoreo, communicando com a escada principal, que é elegantissima.

Ao fundo tem duas immensas galerias em semi-circulo, deitando sobre terraços, tanto ao *rez-de-chaussée*, como no pavimento superior, as quaes são fechadas por grandes vidraças em arcaria. Esta dupla galeria communica com todos os quartos d'aquelle lado; e além da sua utilidade, dá ao edificio uma feição alegre e desusada.

Encontram-se ali magnificos aposentos, sobresaíndo os salões de baile. Está luxuosamente mobilado.

Do lado occidental do palacio ha uma cascata, rodeada de um roseiral fragrantissimo.

O jardim é na frente do palacio; ou melhor, o palacio é circumdado por um vastissimo e formoso jardim, muito bem cuidado Em continuação ao jardim vê-se a immensa quinta, um rico pomar de laranjeiras, cujas ruas espaçosas e ajardinadas dão passagem aos trens de quem visita aquella estancia encantada, tão grande elle é, e no qual se encontram tambem estufas de raras flores e fructos.

Este predio está constantemente franco a todas as pessoas que o desejam ver, ou ir ali passear.

Em conclusão: o palacio do sr. José Jacome Correia é uma preciosidade.

UM CONCERTO AO AR LIVRE

Este quadro originalissimo faz *pendant* com outro, que ha dias demos, sob o titulo—*Uma frescata*.

Apresenta os mesmos typos infantis, na mesma nudez paradisiaca, mas exhibe-os com uma feição artistica perfeitamente accentuada, em vez de os mostrar entregues á mais completa e menos edificante das orgias.

Como bons patuscos, já nós sabemos o que valem estes sete libertinos, verdadeiros peccados mortaes em carne e osso. Como concertistas, não damos nada por elles, principalmente pela *prima donna* do rancho.

O ENCONTRO DOS CARDEAES

A nossa estampa representa um encontro de cardeaes na galeria do Vaticano.

Durante a enfermidade do fallecido Papa Pio IX, os cardeaes não lhe deixavam a cabeceira do leito, e procuravam insinuar-se no animo do pontifice, esperando que elle os recommendasse de preferencia á benevolencia do sacro collegio, do cardeal favorito e do cardeal deão.

Os medicos haviam declarado que a existencia do Papa não podia prolongar-se muito, e, desde esse momento, do que se tratava activamente no Vaticano era da escolha do cardeal que devia ser elevado ao throno pontificio.

Como em todas as eleições, avulta sempre o numero dos candidatos, aquella, de que dependia a suprema auctoridade do mundo catholico, não podia deixar de ser ainda mais renhida e disputada.

Por isso, durante os ultimos dias de Pio IX era incessante o movimento de cardeaes da camara do enfermo para o gabinete do cardeal deão e dos secretarios.

Uns punham em relevo os seus merecimentos, outros faziam prevalecer os seus direitos, e como em todos os actos d'este genero, a insidia e a intriga não foram estranhas ás aspirações dos pretendentes.

Era natural.

A nossa estampa representa o encontro de dois cardeaes que, no juizo de um para o outro, se julgavam mutuamente isentos de que o suffragio recaisse n'elles, e suppondo-se por modo inverso, um candidato e outro eleitor, as primeiras palavras que trocaram depois dos cumprimentos do estylo, foi pedirem ao mesmo tempo o voto um ao outro.

Os dois cardeaes ficaram estupefactos.

—Pois que? exclamou um d'elles, v. em.ª aspira?...

—Pudera! venho de fallar com o cardeal deão; é todo meu.

O ENCONTRO DOS CARDEAES

—E eu vou fallar ao cardeal secretario, conto com elle.
—Olhe não chegue tarde!
—Creio que o eminentissimo não madrugou muito.
E os dois cardeaes apartaram-se, cada um para seu lado, soltando ao mesmo tempo uma estrepitosa gargalhada.

MONUMENTO DE ODIVELLAS

Este monumento, que a tradição popular denomina *Monumento de D. Diniz* ergueu-se em um outeiro junto ao convento, para o lado de Lisboa.

Diz d'elle fr. Francisco Brandão, descrevendo o enterro de el-rei D. Diniz:—«Alguns querem dizer que onde agora está um arco de pedraria, parou a liteira e fizeram-se as costumadas ceremonias, mas aquelle arco, que responde a outro, que está á sahida de Lisba para aquella parte, no campo da forca, se pozeram por descançar n'aquelles logares o feretro de D. João I, quando de Lisboa veiu trasladado ao seu jazigo do real convento da Batalha, como se dirá a seu tempo.»

O outro arco de que falla Brandão, já não existe. Aquelle de que hoje damos a estampa, parece com effeito ter sido erguido em memoria de D. João I, porque tem no remate a cruz floreteada de Aviz. O escudo de armas, posto no fecho do mesmo arco, é orlado por treze castellos. Algumas d'estas peças, porém, foram reformadas em tempos modernos.

O monumento de que se trata não tem inscripção alguma que revele o seu objecto. Na face, que olha para o rumo de Lisboa, tem ao lado, e perto da base, o seguinte letreiro, gravado em caracteres modernos:—1721—R. T. F.—D'aqui poder se ha apenas inferir a epocha em que o arco foi concertado.

AVENTURA INDIANA

(VOLTAIRE)

Pythagoras, durante a sua estada na India, aprendeu—sabe-o toda a gente—na escola dos gymnosophistas, a linguagem dos animaes e das plantas. Um dia, passeiando n'uma planicie á beira do oceano, ouviu estas palavras:

—Como sou desgraçada por ter nascido relva! Mal attinjo a altura de duas pollegadas, surge um monstro voraz, um animal horrivel, que me pisa com as enormes patas, a boca armada d'uma tileira de dentes aguçados, com os quaes me corta, me tritura e me traga. Os homens dão a este monstro o nome de *carneiro*. Não creio que haja no mundo uma creatura mais odiosa do que esta.

Pythagoras deu mais alguns passos; deparou-se-lhe uma ostra, que se entreabria sobre um penhasco; Pythagoras não abraçara ainda, n'aquelle tempo, essa lei admiravel, que prohibe fazer dos animaes o nosso alimento. Tratava, pois, de a comer, quando ella pronunciou estas palavras enternecedoras:

—Oh! natureza! como é feliz a relva, ella, que é, como eu, obra tua! Se a cortam, renasce; é immortal. E nós, pobres ostras, inutilmente somos protegidas por uma dupla couraça; os scelerados comem-nos ás duzias, ao almoço: e termina assim a nossa existencia. Como é horroroso o nosso destino e como os homens são perversos!

Pythagoras estremeceu; comprehendera a enormidade do crime que ia praticar; pediu perdão á ostra, chorando, e tornou a collocal-a cuidadosamente sobre o seu penhasco.

Voltou em seguida para a cidade, scismando profundamente n'esta aventura; no caminho notou que as aranhas comiam as moscas, que as andorinhas enguliam as aranhas e que os gaviões devoravam as andorinhas.

—Bem se vê que estes não são philosophos—disse elle.

Ao chegar á cidade, Pythagoras foi abalroado e derribado por uma enorme multidão de maltrapilhos, homens e mulheres, que vinham correndo e gritando:

—E' bem feito, é bem feito! bem o mereceram.
—Quem? Que é?—perguntou elle,
Mas a multidão continuou correndo e gritando:
—Ah! como nós folgaremos ao vel-os cozinhar!

Pythagoras julgou que fallavam de lentilhas ou de outros legumes; nada d'isso: tratava-se de dois pobres indios.

—São, sem duvida—disse elle—dois grandes philosophos cançados de viver; são bem felizes; renascerão sôb outra forma: ha sempre prazer em mudar de habitação, ainda que se fique mal alojado: em gostos não ha disputas.

Seguiu o populacho até á praça publica, onde havia uma grande fogueira e em frente de ella um estrado, a que se dava o nome de *tribunal:* sobre esse estrado viam-se os juizes, empunhando todos um rabo de vacca e tendo na cabeça uma especie de turbante semelhando perfeitamente as duas orelhas do animal que conduziu Sileno, quando elle, n'outro tempo, veiu ao paiz com Baccho, depois de haver atravessado o mar Erythreu a pé enxuto, e de ter feito parar o sol e a lua, como se conta fielmente nas *Orphiques*.

Entre os juizes havia um homem honrado, muito conhecido de Pythagoras. O sabio da India explicou ao sabio de Samos a razão da festa offerecida ao povo indú:

—Os dois indios—disse elle—não teem desejos alguns de ser queimados: os meus rectos confrades condemnaram-n'os a este supplicio, um por ter dito que a substancia de Xaca não é a substancia de Brahama, e o outro por duvidar de que se possa ser agradavel ao Ente Supremo exercendo a virtude, sem agarrar uma vacca pelo rabo á hora da morte, «porque, dizia elle, em todos os tempos se póde ser virtuoso e nem sempre se encontra uma vacca á mão». As mulheres honestas da cidade ficaram tão horrorisadas com estas duas proposições hereticas, que só deixaram de importunar os juizes depois de elles decretarem o supplicio dos dois infelizes.

Pythagoras pensou então que desde a relva até ao homem são infindas as causas de desgostos. Fez portanto entrar na razão os juizes e os proprios religiosos, fallando em favor dos condemnados.

Em seguida foi prégar a tolerancia a Crotona: mas um intolerante poz-lhe fogo á casa; e Pythagoras morreu queimado, elle que havia salvado dois indios das chammas.

Salve-se quem poder!

Trad LOBJÓ TAVARES.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este appellido é interjeição e navega—2—1.
Esta interjeição com aquelle instrumento é esmoler na Ajuda—1—1—1.
E' verbo e instrumento no Alemtejo—1—1.
Na egreja este pronome é artista—3—1.
Esta vasilha é generosa e come-se—3—1.

Cacilhas. FERREIRA.

Procura este adverbio no livreiro 2—2.
Tem o animal que chupa outro animal—2-2.
E' doce o nome d'esta opera—2—2.

J. F. B.

EM VERSO

Se uma parte do navio
O leitor quizer juntar
A' que vê primeiramente,
Uma nação ha de achar—1.

Se estas agora unir,
O que é muito natural,
Só um cego não verá
Em qualquer racional—2.

Eu vou a muitos jantares,
Mas, fallando com franqueza,
Em qualquer almoço ou ceia
Lá me verá, com certeza.

IGNOTO.

(Ao Club dos Terriveis—Retribuição)

Ha muito já que eu devia
Esta divida solver;
Mas... o frio desmarcado
Inhibiu-me d'escrever.

Hoje mesmo... ao fazer d'esta
—Vae em termo assoldadado—
Tenho as mãos parecem neve,
Todo o corpo enregelado!—2.

Tanto que recommendei
De manhã, á cosinheira,
—Que me tivesse agua quente,
Mas dentro *d'uma chaleira*—2.

Esta minha precaução,
Acaso será tolice?
Assim creio, e com razão,
Por ser eu mesmo que o disse.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

CHARADA TELEGRAPHICA

(A Augusto Dias Leite d'Azevedo)

A's direitas sou um *fado*,
Podes isto acreditar;—2
A's avéssas sou semente
Que em certa arvore has de achar—2.

J. VELLOZO.

CHARADA EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — Esta mulher
— — — E' maior que um regato,
— — — Por ser bicho tecedor.

J. VELLOZO.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

(ACROSTICO)

E vegetal, sim senhor,—1, 7, 3, 3, 2

T é mesmo vê animal—6, 2, 4, 7
R evendo a zoologia;—2, 3, 4, 7
O u então certa medida—6, 7, 3, 4, 2
S erá já velha afinal—7, 3, 4, 5, 6, 2
A ter aqui serventia.—4, 5, 3, 4, 7.

O uvil-a deleita a gente—6, 2, 5, 4, 7

C onstituindo um prazer—6, 5, 6, 2
O nome d'esta mulher 2, 3, 3, 7
N a mesquinhez d'um vivente—6. 7, 3, 2
C urso teve antigamente—4, 2, 3, 6, 7
E sta que serve p'ra bois.—1, 2, 3, 6, 7
I rmã foi de minha mãe—4, 5, 7
T erminando, digo, pois:
O logogripho vae bem.

Vizeu. PEQUENO ANTONI HO.

Na pequena collina do valle,—3, 5 10, 10, 8
saltitava animal ruminante,—6, 5, 8, 10, 5
quando ao longe, por entre um pinhal,—11, 9, 5, 4, 14.
o lindo astro se mostra brilhante.—3, 8, 6.

Mais além, n'uma serra nevada,—5, 3, 4, 10, 5, 7, 6, 2
a mulher caminhava contente—3, 11. 10, 2
entoando esta breve ballada—9, 11, 6, 7, 2, 4, 11
do poeta e estylista eminente—13, 1, 11, 3, 4, 5, 7, 6, 14, 9, 10, 2, 12, 1, 8.

Procure no mappa
cá da velha Europa,
que logo me topa,
é mui natural;
porque sou cidade
e sou appellido
muito conhecido
no meu Portugal.

A. MERUJE.

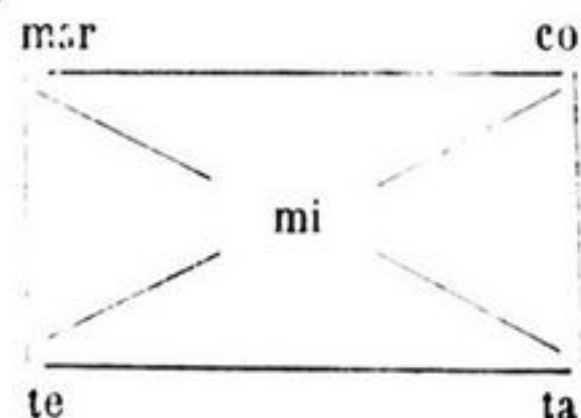
PROBLEMA

Dispôr em quadrado o az, o rei, a dama e o valete dos quatro naipes, de modo que, em uma linha horisontal, vertical, ou segundo as duas diagonaes, estejam, n'uma ordem qualquer, aquellas quatro cartas de quatro naipes differentes.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Machina—Oranometro—Annalia—Linguado—Camaleão—Ardor—Amalia—Arminho—Anagoa.

DAS CHARADAS EM VERSO:

Maracujá.

DOS LOGOGRIPHOS:—Sultana—Debilidade—Electro-dynamica.

DO PROBLEMA:

As cartas A, B e C podem dividir-se pelas tres pessoas de seis maneiras differentes, e a cada uma d'estas maneiras correspondem os resultados 35, 36, 37, 39, 40, 41; todos differentes, por não ser $\frac{1}{3}$ egual á metade da somma $\frac{1}{2} + \frac{1}{4}$. Os dois primeiros obteem-se quando A está na mão da pessoa que tem o numero 12; os dois immediatos quando A pertence á pessoa que tem o numero 24, e os dois ultimos quando A foi escolhido pela pessoa que tem o numero 36. Os resultados da ordem impar referem-se ao caso em que a ordem é directa entre as outras duas pessoas e os outros dois objectos; os da ordem par ao caso em que é inversa a ordem entre estas duas pessoas e os mesmos objectos. Assim, por exemplo, sendo 37 o resultado, estará A na mão da segunda pessoa, B na primeira e C na terceira; sendo 39, mudará B para a terceira e C para a primeira.

Os srs. José Antonio Antunes, de Leiria, Antonio Meruje, de Castello Branco, e Antonio Gonçalves Rosa, de Santa Comba Dão, decifraram o logogripho posto a premio no numero antecedente.

O premio coube ao ultimo d'estes cavalheiros.

A RIR

N'um enterro:

—Então, o defunto não tinha familia?

—Não tinha ninguem. Fui eu, seu inquilino, que me vi forçado a cuidar do enterro.

—E' realmente admiravel tamanha dedicação!

—Então que quer? E de mais, F. era um bello homem. Acompanho-o ao cemiterio com tanto prazer como se elle fosse meu parente muito proximo!

*

O sr. X. é um sujeito que, quando falla d'alguem, não lhe poupa os elogios na presença, reservando-se para na ausencia dizer da mesma pessoa as coisas mais desagradaveis.

Um homem de espirito dizia a respeito d'elle:

—E' uma pia d'agua benta envenenada!

UM CONSELHO POR SEMANA

O VENENO DAS BATATAS

Muitos habitantes do campo esquecem ou ignoram que a batata, em via de germinação, contém uma substancia venenosa chamada *solanina*, que, sendo ingerida no tubo digestivo, produz uma grande parte das vezes envenenamentos, dos quaes se procura em vão as causas.

Principalmente no fim do inverno é que se dão mais d'estes accidentes, nos porcos, aves e outros animaes que vagueiam, nos pateos das habitações e nos campos. São os chamados *grelos* da batata, que mais contéem d'essa substancia perigosa.

O animal envenenado nem sempre morre, mas quando fique ainda vivo, perde as forças e emmagrece, e ha assim um grande prejuizo para o dono.

Deve-se, portanto, recommendar, a todos aquelles que sustentam os porcos e outros animaes, com batatas, que tenham o cuidado de lhes arrancar os grelos antes de dar os tuberculos na comida.

CURIOSIDADES

ORIGENS DA «MARSELHEZA»

Um sabio irlandez acaba de descobrir, quasi inconscientemente, que a *Marselheza* é um plagio de Racine.

Eis as provas em que elle se funda:

Na *Athalie*, do immortal poeta, encontram-se os seguintes versos:

> Cléron: sœurs n'entendez-vous pas?
> J'entends meme les cris des barbares soldats.

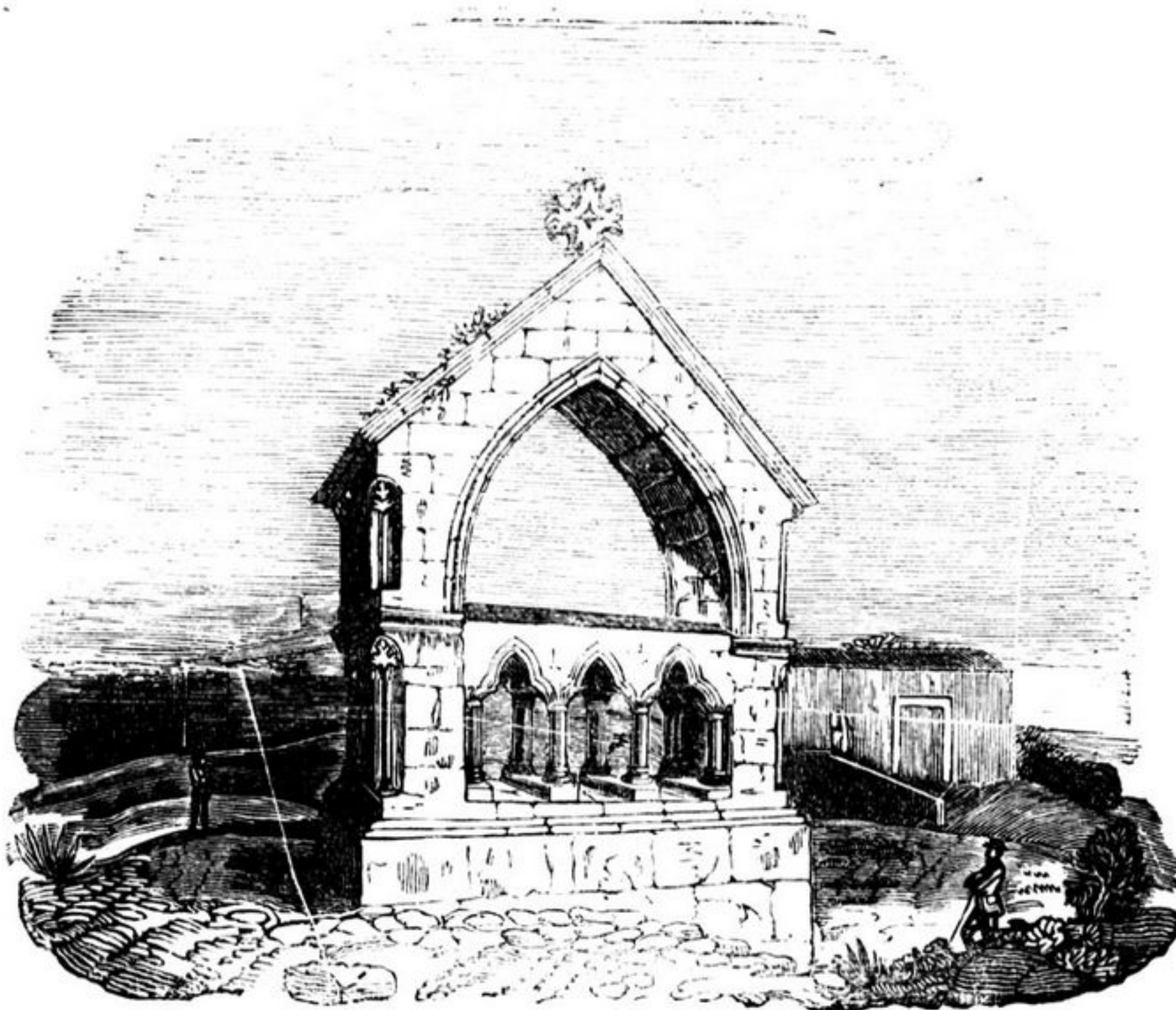
E a *Marselheza* diz:

> N'entendez-vous dans les campagnes
> Mugir ces feroces soldats?

No 1.º acto da *Esther*, de Racine, lê-se:

> On egorge à la fois les enfants, les vieillards,
> Le fils dans les bras de son pére.

E a *Marselheza* diz:

> Ils viennent jusque dans nos bras
> Egorger nos fils, nos compagnes.

MONUMENTO DE ODIVELLAS

No 1.º acto da *Athalie* encontra se:

> Et comptes vous pour rien Dieu que combat pour nous?
> Dieu dont le bras vengeur, etc.

E na *Marselheza*:

> Soutiens, conduis, nos bras vengeurs
> Combats avec tes defenseurs.

As revelações do sabio irlandez causaram em França uma sensação enorme.

Resulta d'ellas que a *Marselheza* é uma paraphrase d'um canto hebreu, d'um psalmo metamorphoseado pelo poeta Racine, em que a palavra Jeovah é substituida pelo vocabulo patria.

O FERRO NA HISTORIA

O emprego do ferro remonta-se a uma antiguidade muito mais remota do que geralmente se imagina.

O professor Swank, n'um livro especial, dedicado a investigações sobre o assumpto, mostra que os egypcios conheciam desde tempos immemoriaes o emprego e o fabrico do ferro.

Erodoto menciona o uso d'instrumentos de ferro na construcção das famosas pyramides.

Os tumulos de Thebas e de Memphis, cidades de remotissima antiguidade, conteem restos d'instrumentos que, segundo a opinião de eminentes archeologos, deviam ter sido de ferro.

Tutma I, que se julga ter reinado 1:700 annos antes de Jesu-Christo, recebeu varios presentes dos regulos do baixo Egypto, seus tributarios, entre os quaes figuravam jarrões de ferro.

No interior d'uma das famosas pyramides encontrou-se, em 1837, um pedaço de ferro, que figura no Museu de Londres como reliquia archeologica muito apreciavel.

Recorda tambem Swank, no livro já citado, que, debaixo do obelisco arrancado em 1880 da Alexandria, e conduzido a New-York, se encontrou outro pedaço de ferro.

PETRIFICAÇÃO DOS CADAVERES

A petrificação dos cadaveres, objecto de tantas discussões, parece estar finalmente resolvida pelo professor Angelo Comi, de Roma.

As substancias que se empregam n'ella são oleo de linhaça e deuto-chlorureto de mercurio, fervidos juntos, até tomarem a consistencia d'uma massa mole.

E' n'esta massa oleosa que se envolvem os cadaveres, para adquirirem a consistencia da pedra. Depois de decorrido muito tempo, tiram-se os corpos para fóra, e deixam-se seccar. Querendo que o cadaver tenha os olhos abertos, põem-se-lhe uns de crystal. As cavidades do corpo enchem-se com cimento e deuto chlorureto de mercurio.

O illustre professor italiano abre com este processo novos horisontes ao porvir dos despojos humanos.

Até agora, podiamos optar entre o enterramento, o embalsamamento e a cremação. Hoje realisa-se, emfim, o ideal um tanto lugubre de varias pessoas, que desejam formar em suas casas uma galeria, com os cadaveres petrificados e convertidos em estatuas, dos membros da familia defuntos

A PRECOCIDADE DOS MUSICOS

Lulli, sendo ainda muito pequeno, tocava guitarra admiravelmente e compunha melodias inspiradissimas.

Handel, aos oito annos d'edade, tocava cravo no palacio do duque de Saxonia.

Pergolese, aos treze annos, executava no violino peças de musica difficilimas, compostas por elle mesmo, que eram o assombro dos professores napolitanos.

Haydn compoz uma missa aos treze annos.

Mozart tocava cravo aos tres annos d'edade; aos quatro executava trechos difficeis, com muito gosto, e compunha alguns minuetes; e aos seis fazia-se applaudir em Munich e Vienna.

Aos oito annos, Beethoven era habilissimo no violino, e aos treze compoz tres quartettos magnificos.

Paganini compoz uma sonata aos oito annos.

Meyerbeer, aos quatro annos d'edade, reproduzia no piano, acompanhando-se com a mão esquerda, as peças que ouvia nos realejos.

Por ultimo, Schubert entrou com grande exito e reputação para o conservatorio de Vienna, contando apenas onze annos de edade.

NAUTILUS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros ...	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros.	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa